

O banqueiro prevê: juros devem subir neste final de ano.

Os juros "talvez subam um pouco, em razão da maior demanda de crédito" neste final de ano. A previsão foi feita ontem em Brasília pelo presidente da Febraban (Federação Brasileira das Associações de Bancos), Roberto Konder Bornhausen, que criticou a proposta do presidente do Banco do Brasil, Oswaldo Colin, de transformar a instituição em conglomerado financeiro, com atuação em todos os segmentos do mercado, após a implantação da reforma bancária, ainda em estudos.

— A pretensão do Banco do Brasil, para mim, não encontra justificativa. O BB já é um enorme conglomerado. Não vejo qual o sentido desta posição do seu presidente. O BB não precisa ter banco de investimento ou sociedade de crédito imobiliário. O governo já tem a maior caderneta de poupança, a Caixa Econômica Federal, com 50% dos depósitos tem o maior banco de investimento do País, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. Então, o governo já tem todo o conglomerado. Agora, se tem um problema de administração entre eles, um quer ficar administrando tudo, é um problema que já não sei — afirmou o presidente da Febraban.

Os banqueiros privados só pretendem firmar posição oficial sobre a reforma bancária depois de conhecer as diretrizes efetivas do governo, a serem expostas na próxima semana pelo secretário-geral do Ministério da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega, em Salvador. Bornhausen afastou a hipótese de dificuldades no relacionamento dos bancos com as autoridades da área econômica: "As relações são normais e cordiais". A cordialidade não impede os banqueiros de reiterarem a preocupação com a dívida da Previdência Social junto à rede bancária. A dívida alcançou Cr\$ 450 bilhões em setembro e, com o reajuste este mês do maior valor de referência e do salário mínimo, os bancos terão de emprestar mais dinheiro à Previdência.

Empréstimos

Os empréstimos globais do Banco do Brasil cresceram somente 66% de janeiro a outubro último — contra a inflação no período de 166,6% — e atingiram o saldo de Cr\$ 11,52 trilhões, enquanto a expansão nas aplicações dos bancos comerciais alcançou 160,5% com o saldo de Cr\$ 60 trilhões, ao final do mês passado. Apesar das restrições impostas pelo ministro da Fazenda, Ernane

Galvêas, aos seus empréstimos, o Banco do Brasil registrou, de julho a outubro, lucro contábil de Cr\$ 1,08 trilhão, montante 303,7% superior aos Cr\$ 267,5 bilhões obtidos no mesmo quadrimestre de 1983.

Em outubro, a variação líquida dos empréstimos do Banco do Brasil não passou de Cr\$ 707,4 bilhões, com crescimento no mês de apenas 7%, abaixo da correção monetária mensal de 10,5%. Já as aplicações dos bancos comerciais cresceram 12,8%. Em 12 meses, a expansão acumulada nos empréstimos do Banco do Brasil ficou em somente 99,3%, enquanto a dos bancos comerciais atingiu 201,5% — embora o Banco Central registre crescimento ainda inferior, de 178,5% — e também permaneceu abaixo da inflação anual de 211% e da correção monetária de 202,9%.

O saldo dos financiamentos rurais do Banco do Brasil chegou, em outubro, a Cr\$ 5,16 trilhões — 54,5% das aplicações globais — com expansão no ano de 61,9%. Fora da agropecuária, os empréstimos do Banco do Brasil ao setor privado somaram Cr\$ 5,76 trilhões: Cr\$ 2,6 trilhões à indústria, Cr\$ 1,8 trilhão às empresas exportadoras e Cr\$ 835 bilhões ao comércio.